

# Os “holandeses” de Carambeí e suas línguas: um estudo sobre atitudes lingüísticas

(The Dutch of Carambeí and their languages: a study about linguistic attitudes)

Letícia Fraga<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Letras Vernáculas – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

leticiafraga@gmail.com

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo discutir la situación lingüística de la comunidad "holandesa" de Carambeí, que es bilingüe en portugués/holandés, especialmente en lo que él dice respecto a las actitudes que estos individuos que pertenecen a esta comunidad, revelan en la relación a sus idiomas. En vista de la situación del contacto que si está establecido entre holandés y el portugués en la comunidad, demandamos la hipótesis de que la lengua portuguesa se convirtió en dominante y la lengua holandesa, no dominante en función de las actitudes esas los "holandeses" de Carambeí habían comenzado a revelar en lo referente a estos dos idiomas. En general manera, los resultados de este estudio habían evidenciado que las actitudes de la comunidad de los "holandeses" de Carambeí en lo referente a las lenguas usadas no están uniformes.

**Keywords:** bilingüismo holandés/portugués; actitudes lingüísticas; variedad de portugués de Carambeí.

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo discutir a situação lingüística da comunidade “holandesa” de Carambeí, que é bilíngüe em português/holandês, especialmente no que diz respeito às atitudes que os indivíduos pertencentes a essa comunidade manifestam em relação a suas línguas. Considerando a situação de contato que se estabeleceu entre holandês e português na comunidade, postulamos a hipótese de que a língua portuguesa tornou-se dominante e a língua holandesa, não dominante em função das atitudes que os “holandeses” de Carambeí passaram a manifestar em relação a essas duas línguas. De modo geral, os resultados deste estudo evidenciaram que as atitudes da comunidade dos “holandeses” de Carambeí em relação às línguas utilizadas não são uniformes.

**Palavras-chave:** bilingüismo holandês/português; atitudes lingüísticas; variedade de português de Carambeí.

## Introdução

Carambeí, uma cidade de dezessete mil habitantes distante 15 km da cidade de Ponta Grossa/PR, é considerada a primeira colônia holandesa no Brasil do século XX, fundada em 1911.

No entanto, apesar de a colônia ser bastante antiga – está às vésperas de completar cem anos de fundação – a impressão que tivemos é de que estar em Carambeí é não estar no Brasil.

Mas o que é fato e o que é impressão? Quem são os carambeienses? São holandeses ou são brasileiros? Falam português ou holandês? Que atitudes manifestam em relação a essas línguas? Considerando que essas questões ainda não foram suficientemente respondidas e que o município de Carambeí é bastante complexo cultural e lingüisticamente, este estudo pretende descrever a situação lingüística da comunidade “holandesa” de Carambeí, mais especificamente a questão das atitudes

lingüísticas dos “holandeses” de Carambeí em relação às línguas holandesa e portuguesa, tomando como unidade de análise a comunidade de fala holandesa, a família e o indivíduo bilíngües em português/holandês<sup>1</sup>.

## **Materiais e métodos**

Nesta pesquisa, para fazer o levantamento dos dados a respeito das atitudes lingüísticas dos “holandeses” de Carambeí, utilizou-se o método etnográfico, pois estudos etnográficos muito têm contribuído para o entendimento da história da cultura de diferentes povos, uma vez que possibilitam que “uma variedade de métodos seja utilizada para minimizar a imposição das percepções e categorias culturais [do pesquisador] no registro e interpretação de um outro sistema”, como afirma Saville Troike (1989, p. 128). Portanto, utilizar o método etnográfico significa levantar todos os dados possíveis de uma comunidade, no sentido de investigar um determinado grupo e sua cultura específica.

A investigação da comunidade “holandesa” de Carambeí, mediante aplicação do método etnográfico e da etnografia da comunicação, compreendeu aproximadamente o período de um ano e meio: de março de 2005 a agosto de 2006. Os instrumentos de coleta de dados utilizados nessa pesquisa foram a observação, a entrevista e o questionário, que são bastante relevantes no caso de um trabalho de campo na área de sociolingüística.

Os informantes foram selecionados a partir da observação realizada na comunidade. Estes residem tanto numa pequena área urbana, quanto em locais mais afastados, na área propriamente rural e seu universo cultural foi igualmente investigado em ambas as localizações. No total, entrevistaram-se vinte e quatro pessoas.

Os critérios gerais pré-estabelecidos para seleção dos informantes foram os seguintes:

- Ter mais de 18 anos;
- Ser descendente de holandeses (pelo lado materno ou paterno);
- Ter nascido (ou se mudado até os 5 anos) e sempre vivido na região de Carambeí;
- Ser bilíngüe em português/holandês em algum grau.

Antes de cada entrevista, preenchíamos uma ficha com os dados pessoais dos informantes, tais como nome completo, idade, escolaridade, cidade em que moram, endereço etc. Os informantes foram identificados pelas iniciais para preservar a identidade de cada um.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, as designações “holandês(es)”/“holandesa(s)” (entre aspas) serão usadas para fazer referência ao indivíduo descendente de holandeses que nasceu no Brasil, em oposição às designações “brasileiro(s)”/“brasileira(s)” (também entre aspas), que se referem ao indivíduo que nasceu no Brasil e não é descendente de holandeses. A opção por estas designações deu-se por duas razões: os próprios “holandeses” de Carambeí fazem esta distinção (autodenominam-se “holandeses” e distinguem-se dos não holandeses, a quem chamam “brasileiros”) e Rickli (2003) propõe em seu trabalho sobre a colônia de Castrolanda a utilização do termo “brasileiro” como referência ao indivíduo que nasceu no Brasil e que não tem ascendência holandesa.

No quadro a seguir, pode-se observar o perfil dos informantes que forneceram os dados referentes à discussão sobre as atitudes lingüísticas dos “holandeses” de Carambeí.

**Quadro 1 – Perfil sociocultural dos informantes**

| <b>Informante</b> | <b>Sexo</b> | <b>Idade</b> | <b>Ascendência</b>   | <b>Naturalidade</b> | <b>Profissão</b> |
|-------------------|-------------|--------------|--|---------------------|------------------|
| DG                | M           | 70 anos      | filho de pais holandeses   | Carambeí            | aposentado       |
| HS                | M           | 73 anos      | filho de pais holandeses   | Carambeí            | agricultor       |
| JG                | M           | 71 anos      | filho de pais holandeses   | Carambeí            | pecuarista       |
| BD                | M           | 71 anos      | filho de pais holandeses   | Carambeí            | agricultor       |
| JLG               | F           | 75 anos      | filha de pais holandeses   | Carambeí            | dona de casa     |
| WGG               | F           | 75 anos      | filha de pais holandeses   | Carambeí            | dona de casa     |
| THS               | F           | 72 anos      | filha de pais holandeses   | Carambeí            | dona de casa     |
| WCGE              | F           | 74 anos      | filha de pais holandeses   | Carambeí            | dona de casa     |
| AF                | M           | 50 anos      | filho de pais holandeses   | Telêmaco Borba      | contador         |
| BD                | M           | 50 anos      | filho de pais holandeses   | Carambeí            | guia de museu    |
| WD                | M           | 47 anos      | filho de pais holandeses   | Carambeí            | agricultor       |
| RW                | M           | 46 anos      | filho de pais holandeses   | Carambeí            | pecuarista       |
| RHB               | F           | 44 anos      | filha de pais holandeses   | Carambeí            | secretária       |
| IS                | F           | 43 anos      | filha de pais holandeses   | Castrolanda         | dona de casa     |
| WSGG              | F           | 41 anos      | filha de mãe indonésia e pai holandês                                | Carambeí            | dona de casa     |
| AJWB              | F           | 42 anos      | filha de pais holandeses   | Carambeí            | professora       |
| CD                | M           | 23 anos      | neto de avós maternos e paternos holandeses                          | Carambeí            | estudante        |
| FF                | M           | 22 anos      | neto de avós paternos holandeses                                     | Carambeí            | estudante        |
| DF                | M           | 24 anos      | neto de avós paternos holandeses                                     | Carambeí            | estudante        |
| MG                | M           | 21 anos      | neto de avós maternos e paternos holandeses                          | Carambeí            | estudante        |
| GF                | F           | 22 anos      | neta de avós paternos holandeses                                     | Carambeí            | estudante        |
| SSM               | F           | 21 anos      | filha de mãe holandesa e pai “brasileiro” (filho de pais holandeses) | Carambeí            | estudante        |
| MD                | F           | 20 anos      | neta de avós maternos e paternos holandeses                          | Carambeí            | estudante        |
| FD                | F           | 21 anos      | neta de avós maternos e paternos holandeses                          | Carambeí            | estudante        |

Para que os principais estratos da comunidade estivessem contemplados na pesquisa, fez-se uma reflexão cuidadosa sobre quais variáveis sociais seriam levadas em consideração. Então, optou-se por dois critérios: idade e sexo.

A divisão por faixa etária é relevante neste estudo, pois um dos seus objetivos é verificar se há diferentes manifestações de atitudes lingüísticas. Foram consideradas três faixas etárias, sendo que o primeiro grupo é formado por pessoas com mais de 70 anos de idade (primeira faixa etária), o segundo compreende informantes entre 35 e 50 anos (segunda faixa etária) e o terceiro grupo abrange jovens de 18 a 25 anos (terceira faixa etária). Já a divisão por sexo justifica-se pelo fato de que homens e mulheres exercem diferentes papéis em cada comunidade (PAIVA, 2004, p. 35). Por essa razão, homens e mulheres podem manifestar diferentes atitudes em relação às línguas que falam.

Assim, o conjunto dos informantes foi dividido em seis grupos:

- a) Grupo 1M: informantes DG; HS; JG; BD.
- b) Grupo 1F: Informantes JLG; WGG; THS; WCGE.
- c) Grupo 2M: Informantes AF; BD; WD; RW.
- d) Grupo 2F: Informantes RHB; IS; WSGG; AJWB.
- e) Grupo 3M: Informantes CD; FF; DF; MG.
- f) Grupo 3F: Informantes GF; SSM; MD; FD.

Dessa forma, mediante a comparação entre estas diferentes amostras, acredita-se ser possível a generalização dos resultados obtidos.

### **Referencial teórico: crenças e atitudes lingüísticas**

Os estudos sobre atitudes lingüísticas – que, a princípio, couberam à Psicologia Social – investigam as atitudes positivas ou negativas que os falantes manifestam sobre a sua própria fala e a de outras pessoas. As atitudes lingüísticas podem dizer muito sobre as relações sociais que se estabelecem entre os grupos, além de exercerem papel fundamental no processo de variação e mudança lingüística (AMANCIO, 2007, p. 45). Se os “holandeses” têm atitudes positivas em relação ao português e atitudes negativas em relação ao holandês, é possível que futuramente o português seja a única língua falada pela comunidade.

Por outro lado, numa situação de bilingüismo, como a que analisamos, as atitudes lingüísticas passam a ser entendidas como as reações do sujeito bilíngüe diante da situação das línguas que conhece e diante das normas que regulam seu uso (SIGUAN, 2001, p. 153). Para Siguan (2001, p. 153), dois fatores levam um bilíngüe a escolher entre uma língua ou outra para usar em determinadas situações: por um lado está o conhecimento das duas línguas, suas atitudes em relação a elas, seu nível de identificação e seu desejo de utilizá-las; por outro, estão os fatores sociais, as normas que regulam o uso de uma ou de outra língua em distintas situações públicas ou privadas. Portanto, as atitudes em relação à língua estão entre os principais fatores para esclarecer quais línguas são aprendidas, quais são usadas e quais são preferidas pelos bilíngües.

Para Mackey (1968, p. 567), “a atitude de um bilíngüe com relação às duas línguas e com as pessoas que as falam influenciará o seu comportamento em áreas de contato diferentes nas quais cada língua é usada”. Em diferentes situações, ele pode se sentir constrangido devido a sua pronúncia ou pode preferir outra língua, caso considere a sua primeira língua pouco popular. Além disso, bilíngües de língua de minoria podem manter atitudes de desrespeito em relação a sua primeira língua. Isso quer dizer que as atitudes ou posicionamentos em relação à língua refletem as atitudes ou posicionamentos em relação aos usuários daquelas línguas (GROSJEAN, 1982, p. 120).

Uma vez que a língua identifica o grupo, para Grosjean (1982, p. 117-118), a língua funciona tanto como instrumento de comunicação, quanto como símbolo de identidade de grupo e, por isso, é acompanhada de atitudes e valores, que são possuídos pelos usuários e também por pessoas que não sabem usar a língua. Os juízos de valor que avaliam uma língua como linda, eficiente, rica etc., freqüentemente são estendidos aos usuários daquela língua. Em comunidades em que coexistem diferentes grupos

lingüísticos, atitudes de predileção e desestima em relação às línguas desempenham um papel importante na vida dos usuários dessas línguas.

Porém, esses julgamentos baseiam-se em estereótipos intergrupais, que muitas vezes se devem à falta (total ou parcial) de contato real com falantes desse grupo cultural. Como no caso dos “holandeses” de Carambeí, que se mantiveram isolados por quase meio século. Dessa maneira, as atitudes dos ouvintes são influenciadas por esses estereótipos associados aos falantes desse grupo em termos das atribuições pessoais. Nesse sentido, ao ouvir essa língua, o ouvinte reagiria avaliando subjetivamente o falante, a partir de traços da personalidade, que refletem as características estereotipadas – que não se fundamentam na realidade observável – ou percepções do grupo a que o falante pertence. Um dos problemas dessas atitudes é que o comportamento negativo em relação às línguas origina-se dentro do grupo dominante, mas lentamente é adotado pelo grupo de minoria, que, em determinado momento, se convence de que está falando uma língua inferior.

As conseqüências de atitudes negativas em relação às próprias línguas maternas podem ser bastante graves. De acordo com Grosjean (1982, p. 123), muitos pais ajudam os filhos a aprender somente a língua “correta” para não serem estigmatizados mais tarde e para progredirem socialmente. Isso foi relatado com muita freqüência em Carambeí. Rubin (1968) constatou a mesma realidade em seus estudos, realizados no Paraguai. Esses estudos mostraram que muitos pais se esforçavam em falar com seus filhos somente a língua oficial do país (no caso, o espanhol), para que estes se tornassem fluentes naquele idioma, atitude que ameaçou fortemente a condição de país bilíngüe do Paraguai. Assim, como as atitudes negativas ou positivas em relação à própria língua podem ter efeitos nocivos profundos (GROSJEAN, 1982, p. 123), falantes de línguas estigmatizadas podem, por exemplo, sentirem-se inseguros tanto em relação à língua materna como em relação à língua dominante, pois se sentem pouco competentes em ambas as línguas e podem se recusar a usar a língua estigmatizada em público. Crianças podem ver os falantes do sistema lingüístico estigmatizado como seres inferiores e recusar-se a falar essa língua com os próprios parentes, como no caso das crianças “holandesas” de Carambeí, que falam somente holandês antes de ir para a escola e simplesmente recusam-se a falar holandês depois que aprendem a falar português. Em conseqüência disso, poderão se tornar pessoas sem raízes e alienadas de seu grupo nativo, experimentando a solidão em relação ao próprio grupo social (TOSCAN, 2005, p. 64).

Também é comum que em muitas sociedades se travem duelos entre grupos lingüísticos a fim de se estabelecer qual variedade de fala deva ser mais valorizada. Por essa razão, Hudson (1980, p. 218) considera que uma sociedade parece funcionar melhor quando se sente orgulhosa de ser o que é. Dessa forma, a avaliação da própria língua pelos usuários torna-se importante, pois esses julgamentos estão intimamente ligados à avaliação de si mesmos. Os falantes deveriam apreciar a própria língua porque avaliam positivamente a comunidade à qual pertencem. Ratificando, Haugen (1973, p. 87) afirma que “a língua faz parte da personalidade de alguém e é uma forma de conduta que tem suas raízes nas nossas experiências mais antigas”.

Enfim, em interações sociais, a forma de fala é um indício de informações sociais e, mesmo que, em si, não seja nem boa e nem ruim, é objeto de avaliação. Nesse sentido,

se analisarão, na seqüência, as crenças e atitudes lingüísticas que os “holandeses” de Carambeí manifestam em relação às línguas portuguesa e holandesa.

### **Crenças e atitudes dos “holandeses” de Carambeí em relação às línguas portuguesa e holandesa**

Os dados obtidos a respeito das crenças e atitudes lingüísticas da comunidade de “holandeses” de Carambeí serão apresentados a seguir por grupo de informantes.

#### **Grupo 1M**

Quanto à língua holandesa, o Grupo 1M manifesta uma atitude positiva, como língua que se fala em casa, com a família, e na Igreja. Os informantes afirmam que a língua holandesa era falada por todos, inclusive por muitos “brasileiros”.

Para muitos, o holandês é considerada uma língua mais “fácil” e “adequada” do que a língua portuguesa, principalmente quando se discutem assuntos domésticos ou religiosos.

- (1) Eu não tenho coragem de fazer orações em português. Só em holandês. É a língua de mamãe (HS).

Alguns lamentam o fato de não falarem mais holandês com tanta frequência, mas a maioria mostra-se conformada com essa situação que, segundo eles, era inevitável, uma vez que moram no Brasil. Esse grupo é o único que ainda faz um esforço mínimo para que língua holandesa permaneça viva na comunidade, seja por meio da realização de eventos (como a 1ª Festa do Imigrante), ou por meio da publicação da revista *Regenboog*, em holandês. No entanto, a pedidos, essa revista está, aos poucos, deixando de ser escrita somente em holandês.

Muitos elementos desse grupo voltaram a ter mais contato com a língua holandesa falada depois que assinaram um canal de TV holandês que passou a ser transmitido por uma empresa de TV a cabo da cidade. Segundo o filho de um casal holandês idoso, que instalou a antena para os pais, somente depois de assinar o canal é que ele (filho) percebeu “o quanto a língua holandesa era importante para os pais”.

Neste grupo, é comum que o casal fale somente holandês entre si e, por essa razão, muitos dizem não entender por que os filhos, casados com “holandeses”, só falam português entre si.

- (2) Os dois são descendentes de holandeses [mas] eles só falam português entre eles, né? Nós, nós falamos holandês entre a gente. Mas eles também fizeram um trato. “Com nossos filhos nós só vamos falar holandês” e o menininho ta falando (DG).

Alguns membros do grupo atribuem a substituição do holandês pelo português ao contato com a escola, onde só se fala português.

- (3) [O] mais velho foi para a escola e aprendeu português lá na escola. Mas aprendendo lá ele começou falar português em casa e lógico que assim os mais novos aprenderam português pouco em casa, né? (HS)

O grupo também considera que a Igreja Reformada tem sua parcela de “responsabilidade” no desuso da língua holandesa, uma vez que passou a oferecer cultos em português simultaneamente aos cultos em holandês.

- (4) Mas no mesmo tempo quando tem culto holandês na Igreja, tem estudo bíblico para quem fala português. Com pastor brasileiro. Nós temos um pastor brasileiro também, da Igreja Luterana. Estudo bíblico. Acontece na mesma hora, atrás da Igreja (HS).

Enfim, há quem acredite que não se aprende mais holandês na comunidade por “pura falta de interesse”, uma vez que muitos jovens falam inglês fluentemente. Ou seja, não há uma “dificuldade em aprender línguas estrangeiras em si” e sim um desinteresse generalizado pela língua holandesa.

- (5) Mas elas [as netas] não se interessam de falar holandês. Entendem bem, porque elas realmente [são] muito dedicadas e tentaram aprender. Mas só que o inglês, por exemplo, todas as três falam, né? (DG)

Quanto à língua portuguesa, o grupo considera importante aprendê-la, porque esta é a língua “do mundo fora da Colônia”. Por essa razão, orgulha-se de que seus filhos “falem bem” português, o que, segundo ele, é a garantia de sucesso dentro e fora da comunidade. Aprender a língua portuguesa significa não ser discriminado, pois o português é a língua das pessoas “estudadas”.

Portanto, o grupo manifesta uma atitude positiva em relação à língua portuguesa. Na perspectiva desse grupo, a língua portuguesa é sinônimo de promoção social e respeitabilidade.

Como traço geral do comportamento lingüístico do grupo, é possível apontar que, em seu comportamento bilíngüe, os domínios do holandês e do português são bem definidos. Em outras palavras, a língua holandesa é a língua do domínio privado e da Igreja e o português é a língua do domínio público onde se estabelecem as relações extra-comunitárias.

Em termos gerais, muitos consideram a língua portuguesa “difícil”, mas “bonita”, “que soa bem”, “suave”.

- (6) O brasileiro é muito bonito. Gosto de escutar português (JG).

Mas entre os que defendem que é importante aprender português, há também os que afirmam que seria bom se o bilingüismo português/holandês fosse incentivado entre os descendentes de holandeses.

Essa geração ensinou holandês como língua materna aos filhos sem se preocupar com questões como sotaque (“o sotaque holandês no português”). Muitos, inclusive, deixaram a cargo da escola a tarefa de ensinar português aos filhos.

- (7) [Havia] professoras que gostaram que eles aprenderam português na escola porque o português que eles, os colonos, falaram neste tempo era português de caboclo. “Nóis” e “barde”, este português (HS).

### **Grupo 1F**

Quanto à língua holandesa, segundo o Grupo 1F, seria muito bom que se continuasse falando holandês na comunidade, porque a manutenção da língua ajudaria

na conservação dos valores da tradição da família “holandesa”. No entanto, assim como os idosos, as idosas também se mostraram conformadas com o fato de os jovens não se interessarem mais em aprender holandês.

Mesmo os mais velhos que, segundo o grupo, são os que têm mais interesse em falar holandês, parecem “não ter mais tempo para isso”.

- (8) Uma vez no mês [há] um reunião, dos velhinhos, mas dos holandeses. Desses pra lá de 60 anos ou 65 ou alguém que está sozinho [viúvo]. Daí eu vou também. A gente toma uma chá, um café, o que quiser. Daí alguém lê um trecho, bonitinho, assim curtinho, um trecho santo, né? Daí pergunta se querem mais café, daí fazemos joguinhos. De três até quatro [horas] é café e comer. De quatro pra cinco horas é joguinho. Cinco horas termina e todo mundo vai embora. É na ultima quinta feira do mês. Do lado da igreja reformada. Também pode entrar qualquer, nem que fosse católica. É a tarde que falam holandês. É pouco, mas também cada um tem seus compromissos (JLG).

Para o grupo, a língua holandesa é “delicada”, “maternal”. É a língua da relação entre mãe e filho.

- (9) Falo holandês com os filhos, mas principalmente com minha filha. Ela mora em São Paulo. Eu sempre falo quase holandês com ela. Com meu filho mais velho também. Tem mais costume (WGG).

Todas se comunicam com os filhos (e principalmente com as filhas!) em holandês e muitas até exigem que filhos e filhas respondam em holandês, não admitindo sequer que os filhos possam ter dificuldades em falar o idioma.

Por essa razão há quem defenda a importância da aprendizagem “funcional” da língua holandesa, uma vez que não é raro que seus filhos e netos vão estudar ou mesmo morar definitivamente na Holanda.

- (10) Por que não aprender holandês? A gente nunca sabe o dia de amanhã. Por isso que eu achei Anne esquisita. Annike, quando foi pra Holanda, filhos nenhuma sabia nenhuma palavra em holandês. Cabou foi pra Holanda. (WGG)

Muitas defendem que a língua holandesa seja a língua usada por pessoas menos estudadas.

- (11) [Os filhos] estudaram tudo na faculdade [e] holandês ficou do lado. Mas eu to feliz. Eu to gostando muito do meu Carambeí (JLG).

O grupo afirma sentir-se à vontade quando fala holandês, é a língua que prefere falar, mas afirma ter dificuldades em escrevê-la, acha “muito difícil”.

Quanto à língua portuguesa, o grupo manifesta uma atitude extremamente positiva. Para ele, o domínio da língua portuguesa é sinônimo de que a pessoa teve mais estudos e de que, portanto, terá melhores oportunidades na vida fora da colônia.

Muitas informantes, de certa forma, afirmam se arrepender de não ter aprendido a falar português “melhor” e então se esforçam em falar português em todos os momentos, inclusive na igreja, o lugar em que é mais difícil falar português, segundo o grupo.

Assim como os idosos, as “holandesas” também consideram que a língua portuguesa é “muito bonita”, que “soa bem aos ouvidos”.



- (12) Português tem umas palavras bem bonitos (WGG).

Além disso, segundo depoimento de uma senhora, o português é uma língua “melhor para xingar” do que o holandês, porque tem “palavrões mais eficientes”.

- (13) É melhor xingar em português do que em holandês. O português tem palavrões bem bons. Em holandês, [xingar] não é a mesma coisa (TS).

## **Grupo 2M**

Quanto à língua holandesa, o grupo afirma que esta foi a primeira língua que aprendeu a falar em casa, com os pais.

- (14) Meu pai é holandês. Eles falavam em holandês comigo, só holandês. Depois que fomos pra escola, mais português (WD).

E há quem ainda fale holandês com parentes da mesma faixa etária.

- (15) [Com] um conchudo que é da minha idade, acontece da gente falar holandês, mas é muito difícil, normalmente. Aqui em casa o que leva a gente tenta falar holandês é tentar deixar os filhos aprender. Agora, na rua, ou em algum lugar assim, dificilmente a gente fala holandês. Só português (BD 2M).

No entanto, atualmente, segundo os homens adultos da comunidade, a língua holandesa é uma língua “inútil”, “que não serve para nada”, a não ser para ser usada em interações com os idosos da família.

- (16) Pra esse mundo, holandês, aqui, não serve pra nada. Infelizmente, infelizmente. Pra ser bem profissional, pra que que serve holandês, hoje, nessa região? Porque fora de Carambeí, ta em Ponta Grossa já não serve. Noventa por cento da comunidade aqui não fala holandês. Serve pra quê? Só pros avós. Satisfazer tua mãe (AF).

Mas alguns membros do grupo consideram que têm verdadeira obrigação de falar bem holandês, que devem isso aos pais, que, por sua vez, não têm culpa de não saber português.

- (17) Eu converso bastante holandês com minha mãe. Agora, falar português... Ela até tentou, aos 80 anos, fazer um curso. É, de aula de português, pra aprender a ler. Mas não é nem justo. Minha mãe entende um pouco de português, mas ela veio em quarenta e oito pra cá, então... (BD 2M)

Por outro lado, apesar de parte do grupo achar que tem “obrigação” de saber holandês para se comunicar com os parentes idosos, a opinião não é a mesma quando se trata de seus filhos. Muitos informantes relataram que atualmente é comum, numa família que descende de holandeses, que os avós falem holandês (e às vezes apenas essa língua) e os netos falem somente português, o que impossibilita que a relação entre eles se dê sem a intervenção (como tradutor/intérprete!) do filho/pai. O mais comum, nesses casos, é que não haja qualquer tipo de interação entre avós e netos, o que, segundo depoimentos, não é um grande problema. A questão é colocada da seguinte maneira: para que submeter os filhos à aprendizagem de uma língua “inútil”, como o holandês, por causa do avô ou avó que só fala holandês, se estes logo morrerão? Na opinião dos informantes, seria fazer com que as crianças se sacrificassem por nada, sem receber nada de bom como compensação. Se for importante aprender uma língua estrangeira, que se aprenda inglês, que, essa sim, é uma língua que “serve para alguma coisa”.

- (18) Com os filhos, nós não falamos [holandês]. Pra quê? Pra falar com a vó? Sinceramente? A minha mãe já é velha, logo vai morrer. E como é que fica? É melhor aprender inglês (WD).

Pode-se dizer que este último depoimento representa um nível de rejeição à língua holandesa tão grande que parece que há quem torça para que esse grande “problema” (falar holandês, ser “holandês” etc.) acabe logo. A princípio, nada leva a pensar que essas pessoas tragam dentro de si tanta mágoa e ressentimento, posto que há uma fala pública, por parte delas, sobre a existência de unidade e integração entre “brasileiros” e “holandeses”. Pressupõe-se que haja, então, um grande descompasso entre o que os “holandeses” dizem e o que pensam de fato.

Por essa razão, a maioria considera que a língua holandesa já teve o seu auge e prevê (ou deseja?) que em pouco tempo o holandês não será mais falado na comunidade.

- (19) Então no início era só holandês. Daí já começou misturar um pouco. Então com o tempo aqui vai virar tudo brasileiro. Tudo a língua portuguesa. Uma pena. Eu acho uma pena, mas não tem curso de holandês. Na escola tem, mas não adianta muito. As crianças não aprendem aquilo ali. Daí saem dessa escola, [na] rua vira português. Não adianta, né? Se tivesse um tipo de intercâmbio entre as colônias holandesas e a Holanda... (BD 2M)

Prova de que essa mudança se está operando é o fato de que muitos membros do grupo, no início de sua vida de casado, só falavam em holandês à esposa e aos filhos, situação que mudou com o passar do tempo.

- (20) No início de casado nós só falávamos holandês dentro de casa e daí com o tempo foi se perdendo, né? (BD 2M)

Segundo alguns, é bom que essa mudança se dê rapidamente, pois essa “experiência de colônia fechada já durou tempo demais”.

- (21) O holandês foi bom enquanto durou, já serviu. Inclusive a gente tem muita experiência [com] um pessoal do Canadá. Eu sempre comparo com Canadá. No Canadá, eles não tiveram essa experiência de colônia e tudo. Lá eles se integraram direto, e os mais idosos e todo mundo, inglês, inglês, inglês. Igreja, inglês. Escola, inglês. Tudo inglês (AF).

Parte do grupo ainda mantém uma fala pública de que “tentou” ensinar holandês aos filhos, mas que não obteve sucesso, “porque na rua se falava português e na escola se falava português”.

Mas a maioria insiste na idéia de que “saber holandês não serve para nada”, mesmo que seus filhos saibam. Nesses casos, é comum afirmarem que “os filhos falam holandês não por minha culpa, mas por causa dos avós”. Não é mérito dos avós, mas culpa. E culpa dos pais também, porque permitiram que os avós ensinassem holandês aos netos.

- (22) Meus três filhos falam holandês não por causa de mim, nem por causa da minha esposa. Falam por causa dos meus pais. Meus filhos saíam de casa falando português, dentro do carro. Pisavam dentro da casa da mãe, elas começavam falando holandês porque sabiam que o vó e a vó não falaram português. Então eles começavam a falar em holandês. E hoje o mais velho até o dialeto dos meus pais, que é Groningen, ele fala e ele entende. Mas também isso foi culpa nossa, porque ser primeiro neto, ficava na casa dos avós, né? A vó adorava. Chegava em casa, falava português e na casa dos meus pais, em holandês. E incrível! Eles têm 24 e 22 anos e hoje ainda eles entram na casa e falam holandês. Parece que a porta é que inventou essa mudada (AF).

Se pudessem escolher (ou mudar o que houve?), esses pais “tinham ensinado aos filhos inglês” e não holandês.

Em termos gramaticais, os informantes julgam que o holandês é uma língua “difícil”, porque é muito diferente do português (é o “oposto”!), o que ocasiona insegurança na hora de falar. Os “holandeses” falam com muita frequência que têm medo de falar holandês “errado” e que “acham” que não falam holandês bem.

No entanto, quando perguntados sobre o que os outros (os holandeses, por exemplo) dizem a respeito do holandês que falam, muitos afirmam que são elogiados, especialmente pelos holandeses. E o elogio dos holandeses sempre é muito bem recebido pelos “holandeses” de Carambeí.

- (23) Eu mesmo não acho [que falo bem], mas todo mundo diz que sim. Inclusive acabei de ter um cliente novo no meu escritório, que é um holandês casado com uma brasileira lá em Ponta Grossa. E eles tavam no escritório e ele falou “eu to admirado de ver, o teu holandês é tão perfeito”, ele falou. E a primeira vez que eu fui pra Holanda, isso que eu achei superinteressante também, eu tava num trem, vem uma veinha de uns 80 anos. Tava sentada do meu lado. Daí ela falou assim: “por favor, me mate a curiosidade. Pelo teu sotaque não consigo descobrir de que região da Holanda você é”. Eu falei “eu não sou da Holanda, né? Eu sou do Brasil”. [E ela disse:] “eu não acredito que lá no Brasil você aprendeu a falar esse holandês tão perfeito”, ela falou. Não sou eu que falo. São os outros que falam (AF).

Mas apesar de ser considerada uma língua “difícil” e “menos bonita”, “menos sonora” do que o português, para o grupo o holandês é uma língua “interessante”, que oferece “mais recursos” do que a língua portuguesa.

- (24) O português é uma língua mais bonita que o holandês, né? Mas a língua holandesa, ela é mais, sei lá, ela te dá mais recursos (WD).

Quanto à língua portuguesa, para os informantes do grupo esta, em comparação ao holandês, é uma língua “mais bonita”, “melhor de ouvir”, além de “mais fácil”.

- (25) É muito difícil falar em holandês, difícil! Português é muito mais fácil. Português se fala com muito mais frequência. Então vai conversar com alguém, fala em português (RW).

Além disso, o português é a língua que não “tem limites” porque pode ser usada com quase todas as pessoas e em quase todos os lugares, diferentemente da língua holandesa, que é mais “restrita” em termos de falantes e domínios.

Outra qualidade atribuída ao português é a de ser uma língua que aproxima “holandeses” e “brasileiros”, como se estes pertencessem a um único grupo. Principalmente se a variante de português utilizada for a mesma falada pelos “não-holandeses” da região.

Enfim, o grupo manifesta atitudes extremamente positivas em relação à língua portuguesa.

## **Grupo 2F**

Quanto à língua holandesa, o grupo 2F é um grupo heterogêneo no que diz respeito às atitudes em relação a essa língua. Uma parte parece não ter problemas em “ser holandês(a)” e falar holandês no Brasil – ou pelo menos não manifesta isso abertamente.

- (26) No começo, o pai antigamente falava: “fale holandês ou cale a boca”, né? Eu me sentia assim, eu me lembro que eu não queria falar holandês. Você não valorizava aquilo, mas agora, mas agora você valoriza bem mais (WSGG).

Por outro lado, metade do grupo mostra-se profundamente incomodado em ser identificado como “holandês” especialmente por meio do “sotaque feio” (que se caracteriza pelo r-forte vibrante e simples) que o holandês como primeira língua “deixou” no português.

- (27) Acho que eu também passei por isso, na época. Mudar de escola, né? Mudei de Carambeí pra Ponta Grossa. Nós falamos o “r” [r], né? Rato [com [r]]. A gente aprendeu assim. Mas a minha filha, a minha filha tem sete anos, já fala “rato”. Não é mais aquele “r”. O pessoal falava assim: “Ah, vocês são lá da roça”, sabe?? Nós tinha que escutar, viu?? Eu sempre fui quieta por causa disso (AJWB).

No que diz respeito à “serventia” (ou falta de) da língua holandesa, as mulheres não são tão “práticas” quanto os homens, que classificam o holandês como “língua inútil”, mas também se manifestam quanto à falta de “funcionalidade” e de valorização da língua holandesa.

Outra atribuição interessante conferida à língua holandesa pelas mulheres é a de língua de privacidade, intimidade.

- (28) Quando eu saio pra comprar roupa com a minha irmã, nós sempre falamos holandês, pra falar mais sossegado (IS).

Por essa razão, o holandês é a língua preferida pelo grupo para “xingar”, principalmente na frente dos filhos, que não podem entender o que ouvem.

- (29) Eu às vezes falo, pra dizer a verdade. É sem querer mesmo. Eles sabem que eu to falando palavrão. Mas eles não sabem o que significa, né? Pra gente é melhor (AJWB).

Enfim, para o grupo, o holandês também é a língua preferida para as orações, mesmo as improvisadas.

- (30) Rezar, só em holandês. Isso é uma verdade. Porque quando eu vou dormir, eu faço a minha oração, né? Eu faço em holandês. Pode uma coisa dessa? E não é decorada, não, viu? (IS).

Quanto à língua portuguesa, o grupo 2F demonstra atitudes positivas. Assim como o grupo anterior, este considera que, em comparação ao holandês, a língua portuguesa é uma língua “mais bonita” e “mais fácil”.

Mas a qualidade mais importante do português, segundo as informantes, é a de ser uma língua “agregadora”, pois aproxima “holandeses” e “brasileiros”, num (quase) grupo homogêneo.

- (31) O português é bom porque todo mundo fala. Todo mundo. Não é só a gente, daí (WSGG).

### **Grupo 3M**

Quanto à língua holandesa, diferentemente dos grupos anteriores, o grupo 3M não é uniforme no que diz respeito à fluência nesse idioma. Uma parte considera-se bilíngüe em português/holandês, apesar de acreditar que a sua língua “verdadeira” seja o português, e outra afirma que fala holandês “muito mal”, é bilíngüe incipiente, portanto.

No entanto, o grupo como um todo considera a língua holandesa “muito difícil”, independentemente de falá-la “bem” ou não.

- (32) Porque aí eu não acho as palavras pra falar. Daí eu peço “como é que fala isso agora? Como é que fala isso? Como se chama isso?” (RW)

O grupo que se diz fluente manifesta atitudes positivas em relação à língua holandesa – ao mesmo tempo em que a considera uma língua “distante”, não sua – e coleciona histórias sobre pessoas que tiveram ótimas oportunidades de trabalho ou estudo pelo fato de falar holandês, o que sustenta a crença – bastante freqüente entre os “holandeses” de Carambeí – de que “falar holandês pode fazer diferença na vida de uma pessoa”.

O grupo que se diz não fluente também concorda que o holandês pode ser “útil para alguma coisa”, no futuro, uma espécie de “plano B”, no caso de os projetos de trabalho e de estudo no Brasil não darem certo. No entanto, a falta de fluência (real ou autodeclarada) em holandês, que poderia impedir ou dificultar uma viagem de estudos ou trabalho à Holanda, não parece preocupar os entrevistados, uma vez que “podem aprender holandês em uma ou duas semanas”, se assim o quiserem.

Além disso, para os jovens “holandeses” do sexo masculino a língua holandesa é considerada a língua “dos avós”, ou seja, é uma língua “estrangeira” que se “estuda na escola porque os pais querem”.

- (33) O holandês é tipo assim uma língua estrangeira, que a gente aprende só na escola, né? Que nem inglês. E todo mundo estuda holandês porque o pai manda (FF).

Finalmente, não se percebe que o jovem lamenta não poder comunicar-se com os avós, no caso de aquele falar somente português e estes, somente holandês. São “coisas da vida”, que simplesmente acontecem.

- (34) A minha vó fala praticamente só holandês. Fala bem pouquinho português. Quase nada. Com um monte de gente é assim. Fazer o que, né? (DF)

Quanto à língua portuguesa, para o jovem do sexo masculino, esta é considerada uma língua “mais fácil”, além de ser a língua que o deixa à vontade e que o identifica como brasileiro que é.

- (35) Português é mais fácil, né? É melhor de falar, porque é a nossa língua (CD).

É uma língua “normal”, que faz com que ele se sinta parte do grupo e não um estrangeiro no seu país.

- (36) É uma língua normal. Não é diferente, que nem o holandês. E todo mundo fala. Todo mundo entende. É a língua do país, né? (GF)

Os jovens do grupo acreditam que o monolingüismo em português acontecerá dentro de pouco tempo inevitavelmente, o que não é lamentado, nem comemorado. É só um fato inevitável.

- (37) E já tá acontecendo isso aí: daqui um pouco ninguém mais vai tá falando holandês. É sempre assim que acontece, né? (MG)

### **Grupo 3F**

Quanto à língua holandesa, o grupo das moças também é heterogêneo em termos de como se manifesta em relação à fluência nesse idioma. Metade do grupo julga que “fala bem” holandês e a outra metade acredita que fala “muito mal”. Da mesma forma, tal como o grupo anterior, as jovens “holandesas” consideram a língua holandesa “muito difícil”, independentemente de falá-la “bem” ou não.

(38) Nossa, é muito difícil! Tem que estudar muito (SSM).

O grupo também manifesta atitudes positivas em relação à língua holandesa por causa das histórias sobre pessoas que foram à Holanda e “se deram bem”.

(39) Eu escrevo pro meu tio na Holanda. E-mail. Quando ele veio aqui, há uns 4, 5 anos atrás, ele me falou: “pra você manter o holandês, escreva bastante pra mim. Nem que cê escreva errado, eu corrijo teu e-mail e mando outro e-mail pra você”. E assim a gente se corresponde e eu não esqueço o holandês, porque logo, logo eu vou pra lá estudar. Isso vai ser muito bom. Todo mundo que fez isso se deu bem (GF).

Além disso, as jovens “holandesas” parecem ter um carinho muito grande por aquela que é a língua “dos nossos pais e dos nossos avós”.

(40) Eu acho lindo a minha mãe falando com a minha vó. Às vezes eu entendo uma coisa ou outra (MD).

Quanto à língua portuguesa, como o grupo anterior, as jovens “holandesas” também a consideram uma língua “mais fácil”.

(41) Eu acho mais fácil falar português, né? É bem mais fácil (FD).

Ao contrário do grupo anterior, as “holandesas” lamentam o fato de a comunidade caminhar para uma situação de monolingüismo em português, apesar de também acreditarem que isso acontecerá “inevitavelmente dentro de pouco tempo”.

(42) Essa nova geração já não se interessa [por aprender a língua holandesa]. Os filhos, pode até colocar na aula de holandês, mas não vai adiantar. Eu acho que tem que ter o incentivo em casa. Logo, logo ninguém mais vai falar holandês. Eu acho uma pena (SSM).

### **Considerações finais**

No início deste trabalho, propomo-nos analisar mais detidamente o indivíduo “holandês” de Carambeí, no sentido de estabelecer as atitudes lingüísticas que este manifesta em relação às línguas holandesa e portuguesa.

No que diz respeito às atitudes dos “holandeses” em relação às línguas holandesa e portuguesa, estas não são uniformes. Os grupos distinguem-se quanto ao uso das línguas e quanto à avaliação destas.

Em relação à língua holandesa, os Grupos 1M e 1F manifestam atitudes positivas. Ambos os grupos demonstram lamentar o fato de o holandês ser falado por um número cada vez menor de pessoas, o que, no entanto, segundo sua opinião, é uma realidade inevitável. Por outro lado, os Grupos 2M e 2F parecem viver um conflito bastante grande em relação à língua holandesa. Ambos os grupos usam esta língua para

interagir com os pais e os idosos da comunidade, mas a consideram uma “língua inútil”, a ponto de não a ensinarem aos filhos. Enfim, para os Grupos 3M e 3F, o holandês é uma língua “muito difícil”, porque é “muito diferente do português”, além de ser a “língua dos antepassados”.

Já em relação à língua portuguesa, a comunidade como um todo manifesta atitudes positivas. É considerada uma língua “fácil”, “bonita”, “sonora”, “de gente estudada”, além de ser “ilimitada”, que possibilita a aproximação entre “holandeses” e “brasileiros” e de ser a língua que, em breve, será a única falada em Carambeí.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÂNCIO, Rosana Gemima. *As “cidades trigêmeas”*: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

GROSJEAN, François. *Life with two languages*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982.

HAUGEN, Einar. A maldição de Babel. In: *Diálogo*. Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 82-89, 1973.

HUDSON, Richard A. *Sociolinguistics*. New York: Cambridge University Press, 1980.

MACKEY, Willian F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Johsua. *Readings in the sociology of language*. 3 ed. The Hague: Mouton, 1968.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; Braga Maria Luiza. (orgs.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

RICKLI, João Frederico. *A comunidade da benção: religião, família e trabalho na colônia Castrolanda*. 2003. 146 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

RUBIN, Joan. *National Bilingualism in Paraguay*. The Haia: Mouton, 1968.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. *The ethnography of communication, an introduction*. 2 ed. Oxford, Blackwell, 1989.

SIGUAN, Miquel. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza, 2001.

TOSCAN, Mirian Peccati. *O comportamento lingüístico na comunidade bilíngüe ítalo-brasileira de Nova Pádua/RS: identidade, prestígio e estigma lingüísticos*. 2005. 189 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

